

MARACATU NAÇÃO: PERCURSOS DE PESQUISA EM TURISMO, PSICANÁLISE E ANÁLISE DO DISCURSO

Maracatu Nação: Research Paths in Tourism, Psychoanalysis and Discourse
Analysis

LAHANA SAMBAQUY GOMES¹

RESUMO

O presente artigo discorre sobre percurso de pesquisa, acerca do Maracatu Nação. O objetivo é o de comunicar sobre esse percurso, apresentando possibilidades de articulação entre diferentes áreas do conhecimento na pesquisa. Para demonstrar essas possibilidades, são apresentados recortes dos trabalhos realizados, nos quais as análises do objeto de pesquisa são fundamentadas pela Análise do Discurso (AD), de Michel Pêcheux. A materialidade analisada são as sequências discursivas (SDs) de *loas* [letras de canções, no maracatu], de duas nações de Maracatu. Por meio desse estudo, verifica-se a possibilidade de articulação entre as áreas do Turismo, da Psicanálise e Análise do Discurso. O discurso do maracatu, nesse estudo é entendido como meio de (r)existência e de deslocamentos de sentidos, pelo movimento do desejo, enquanto conceito psicanalítico.

PALAVRAS-CHAVE

Turismo; Maracatu Nação; Análise do Discurso.

ABSTRACT

This article presents a research path, which resulted in two research works about Maracatu Nação. The objective is to communicate about this path, presenting possibilities for articulation between different knowledge areas at research. To demonstrate these possibilities, excerpts from the work carried out are presented, in which the analyzes of the research object are based on Discourse Analysis, by Michel Pêcheux. The analyzed materiality being the discursive sequences (SDs) of *loas* (song lyrics, in maracatu), from two maracatu nations. Through this study, the possibility of articulation between the areas of Tourism, Psychoanalysis and Discourse Analysis is verified. The discourse of maracatu, in this study, is understood as a means of (r)existence and displacement of meanings, through the movement of desire, as a psychoanalytic concept.

KEYWORDS

Tourism; Maracatu Nação; Discourse Analysis.

¹ **Lahana Sambaquy Gomes** – Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, Universidade da Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS, Brasil. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/6191446726483520> E-mail: lahanasambaquy.psi@gmail.com

Segundo o Portal da Cultura Pernambucana, o Maracatu remontaria naquele estado, às festas organizadas por grupos escravizados, para coroação do Rei Congo, marcadas pelo que seria visto pela sociedade como ‘confusão, bagunça’, daí alguns toques de tambores serem utilizados para avisar sobre a aproximação da polícia. O aqui apresentado, Maracatu Nação ou Maracatu de Baque Virado, remontaria ao século XVI, na região urbana de Recife, como manifestação da cultura popular da negritude, passando por sucessivas transformações ao longo dos séculos. Segundo o mesmo portal, seria, portanto, anterior aos grupos de Maracatu Rural, surgidos apenas no século XX (O Portal da Cultura Pernambucana, s.d.).

A manifestação cultural objeto deste estudo, assim, difere da vertente Maracatu Rural ou Maracatu de Baque Solto, também tradicional de Pernambuco, em termos de sua forma e do seu conteúdo (Alencar, 2015). No Maracatu Nação, diferentes expressões artísticas compõem sua estética e narrativa[s], o cortejo real, com Rei e Rainha, sendo formado por um conjunto musical percussivo e por um corpo de dança, além de outros elementos simbólicos presente em seus personagens, figurinos bem elaborados, ‘calungas’ⁱ e estandarte, dentre outros que poderiam ser lembrados. Enquanto no Maracatu Nação há o desfile em cortejo, no Maracatu Rural o desfile se movimenta circularmente, a coreografia simulando uma batalha. A segunda vertente também utiliza instrumentos percussivos diferentes dos utilizados no Maracatu Nação, além de incorporar instrumentos de sopro no seu espetáculo (O Portal da Cultura Pernambucana, s.d.).

O Maracatu Nação foi reconhecido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional [IPHAN] em 3 de dezembro de 2014, como patrimônio cultural imaterial do País, tendo registro no livro *Formas de Expressão*. Em 2023 foi lançado o Plano de Salvaguarda dos Maracatus Nação, documento construído com o objetivo de manter viva e atuante esta manifestação de cultura popular, por meio de políticas públicas culturais estratégicas para o seu fomento. Tal reconhecimento reforça sua legitimidade enquanto manifestação da cultura popular brasileira, e marca sua diferença em relação aos grupos percussivos de maracatu de baque virado. Os grupos percussivos de Maracatu, como veremos mais adiante, são compostos por pessoas interessadas nos aspectos musicais do Maracatu Nação, e que buscam reproduzir a música e a dança, sem que o grupo tenha vínculo com os aspectos ritualísticos e religiosos, que caracterizam as nações de Maracatu.

O Maracatu foi inicialmente estudado por folcloristas, que se dedicavam à busca do entendimento das manifestações populares. Posteriormente, os estudos se concentrando de

forma mais expressiva na Antropologia, na Religião e na História, mas contando na atualidade também com diversas investigações e reflexões em áreas como a Educação, a Geografia, a Música, as Artes Visuais e alguns estudos mesmo no Turismo. Quando tive uma primeira aproximação com esse tema, na graduação em Psicologia, não encontrei estudos sobre o Maracatu nesta área ou na Psicanálise, o que me instigou a abordar a manifestação cultural em pesquisa anterior.

Assim, o problema de pesquisa começava a se formar, e iniciei os estudos a questionando sobre os percursos de subjetivação que constituem a (r)existência negra no maracatu. Esse processo resultou no trabalho intitulado 'Nação do Maracatu Porto Rico e percursos de subjetivação: discursos de (r)existência' (2017), e em um capítulo de mesmo título no livro *Fios do Discurso: entre cerzaduras e descosturas* (2018).

No que se refere ao percurso na área do Turismo, após levantamento em plataformas de pesquisa brasileiras, não foram encontrados estudos sobre o Maracatu Nação provenientes do campo do Turismo, ou em articulação direta com esta área. Realizando uma pesquisa geral fora dessas plataformas, encontrei três estudos, dois dos quais abordam os maracatus em geral, sem enfoque específico em uma de suas vertentes (Fernandes, 2009; Borba & Barretto, 2015; Pessoa & Pimentel, 2019).). Além de ser atração turística relevante para a região metropolitana do Recife, o Maracatu, enquanto patrimônio cultural imaterial, constitui um conjunto de tradições, fundamentos e práticas que ocupam um lugar importante para os seus membros e para as comunidades nas quais as nações residem.

Após reencontrar o objeto de pesquisa no Turismo, seis anos após a graduação em Psicologia, continuei sem acesso a estudos que abordem o Maracatu Nação nas áreas da Psicologia e da Psicanálise. Nesse sentido, a ausência de estudos acerca dos efeitos dessa manifestação cultural, em nível inconsciente, em sujeitos e grupos, ou em articulação com o Turismo, constituem uma lacuna no que se refere à pesquisa sobre o Maracatu. Esse estudo, portanto, busca contribuir para com o campo do Turismo, de forma a apontar lacunas e começar a trilhar um caminho possível, para ocupar esses espaços na pesquisa acadêmica, fomentando também a articulação entre diferentes áreas do conhecimento, para uma abordagem complementar dos diferentes aspectos do objeto de estudo.

No presente artigo, apresento a descrição e recortes do meu percurso de pesquisa sobre o Maracatu Nação, materialidade que se marca por séculos de (r)existência. O texto retomará a metodologia por meio da qual a pesquisa ocorreu anteriormente, bem como os

desdobramentos da análise realizada. Os rumos da pesquisa, que tem sua continuidade agora inserida no Mestrado em Turismo e Hospitalidade, na Universidade de Caxias do Sul, também serão abordados.

PERCURSOS DE PESQUISA

Nesse momento, revisitarei os caminhos trilhados durante a pesquisa que resultou no trabalho anterior, já referido. No primeiro momento da pesquisa, realizei uma análise de uma *loa* [letra das canções entoadas pelos batuqueiros, no Maracatu], *chamada 13 de Maio*, da Nação do Maracatu Porto Rico, localizada no bairro Pina, em Recife, Pernambuco. Sua fundação, em 1916 [mas, haveria registros policiais associados ao grupo já em 1889], ocorreu na cidade de Palmares, no mesmo estado. A página on lineⁱⁱ do grupo, ainda explica: “O Maracatu de Baque Virado é um candomblé na rua, festa onde todos podem participar, ligada diretamente ou não a religião, sendo assim uma manifestação tradicional brasileira, que hoje é aberta a quem tiver interesse de participar. Maracatu Nação é um ente cultural único no Brasil e no Mundo, que surgiu em Pernambuco graças ao encontro entre diferente Nações africanas que aqui se ‘entrelaçaram’”.

A metodologia para o presente se deu pelo viés da Análise do Discurso [AD], de Michel Pêcheux, dispositivo teórico metodológico que se originou na França, nos anos 1960. A AD articula linguística, materialismo histórico e psicanálise. Nas palavras de Orlandi (2007), a AD é uma disciplina de entremeio que tem como objeto de estudo o discurso. Para além disso, a AD também foi um movimento político, pois rompeu com paradigmas epistemológicos vigentes na época, ao olhar para os atravessamentos históricos e subjetivos do discurso (Ferreira, 2010). Por meio desse posicionamento, a AD viabiliza um olhar crítico do pesquisador, pois ainda de acordo com Orlandi (2013), considera o sujeito interpelado pela linguagem e por contextos sócio-históricos que o antecedem.

Para Orlandi (2013) não há discurso sem sujeito, e não há sujeito sem ideologia, ou seja, todo discurso é atravessado pela ideologia. O sujeito, por sua vez, é dotado de inconsciente, sendo este conectado à ideologia pela língua. Os sentidos do discurso se dão pela interpretação que é atravessada por um referencial histórico. Assim, o sujeito é tanto produto de discursos, como também quem os [re]produz, havendo nesse processo espaço para a resignificação.

Na AD, o sujeito se encontra no entremeio entre linguagem, ideologia e inconsciente, sendo marcado por esses três elos, e por seus furos: o equívoco, a contradição e o furo do inconsciente, respectivamente. Esses furos, denunciam no discurso a condição faltante do ser humano, o que inscreve um lugar para o desejo, e assim para o sujeito do inconsciente (Ferreira, 2010). Dessa forma, o discurso é tomado como um acontecimento, que não deve ser dissociado em sua forma e conteúdo. O discurso, tal como se apresenta, denuncia posições de sujeito. Importa ao analista do discurso, além do que é dito, quem o diz, como o diz e em que contexto sócio-histórico está inserida essa fala (Orlandi, 2013).

A Psicanálise, nessa pesquisa, está presente não só como um elo da AD, por considerar o sujeito do inconsciente no discurso, mas perpassa a análise da materialidade encontrando suporte nos conceitos de *desejo*, de *deslocamento*, e na noção de *[r]existência* como movimento psíquico que desloca as marcas das violências racistas, de um campo individual e subjetivo, para uma experiência compartilhada (Rosa & Poli, 2009).

O MARACATU NAÇÃO

O Maracatu Nação, como já colocado, surgiu em Recife, no período colonial, que se estendeu do século XVI ao XIX. A manifestação cultural passou por transformações e sincretismos de elementos em processos que levaram quase dois séculos para se consolidar e alcançar a forma como é reconhecido na atualidade. Conforme o Dossiê do Maracatu Nação, do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC), são elementos comuns aos cortejos de Maracatu: carro abre-alas, que inicia o desfile; porta-estandarte, que leva o nome da nação e sua data de fundação; as damas de paço, que levam as calungas: bonecas de cera ou de madeira que representam eguns ou espíritos ancestrais ligados à nação (Alencar, 2015); o caboclo arrearar, que representa um indígena, carregando arco e flecha, denominada preaca.

Há ainda: damas de frente, que levam flores ou troféus de competições anteriores; as baianas ricas, usando saias rodadas com armação ou fantasias, e as catirinas [ou baianas de cordão] com fantasias de chita; os lanceiros, representando a guarda real, que levam lança e escudo; corte, formada por casais nobres em fantasias repletas de adornos; o pália, que protege o rei e a rainha; o casal real, que vêm acompanhado por pajens, porta-leque, porta-abajur e a guarda real, formada por soldados romanos [personagens já caindo em desuso] ou por lanceiros; ala dos escravos, que levam consigo instrumentos de trabalho.

O conjunto percussivo, denominado batuque, é composto em sua formação tradicional por instrumentos como: *alfaias*: tambores grandes de madeira, pele animal e cordas [que são responsáveis pela afinação], seus tamanhos, sons e funções variando o seu timbre é forte; *gonguê*: instrumento metálico, de ferro ou aço que media e guia a rítmica do batuque; *caixas e taróis*: instrumentos cilíndricos, com altura variada, e extremidades em pele sintética ou animal, com uma esteira de metal, que lhe confere seu som agudo; *mineiros* e *ganzá*: chocalho cilíndrico, com sementes em seu interior, que produz som quando em movimento.

Considerando a história do Maracatu, só recentemente algumas nações incorporaram instrumentos como atabaques e agbês/xequerês, confeccionado com miçangas trançadas em barbante em torno de uma base de cabaça, produzindo som ao ser chacoalhado. Além do conjunto percussivo, outros elementos que integram o Maracatu são as loas e toadas. Trata-se, conforme Alencar (2015), das canções entoadas pelos batuqueiros, nas quais o mestre faz a chamada [primeira voz] e os batuqueiros respondem [segunda voz], em coro.

No que se refere às suas origens, não há registros que localizem precisamente uma data e um local de surgimento do Maracatu Nação em Pernambuco. A pesquisa, no entanto, levantou dados suficientes para esboçar os possíveis percursos do seu surgimento e das origens dos traços que o compõem. Entre os séculos XV e XVI foram sequestrados os primeiros escravizados da África para Portugal, e depois para o Brasil. Estas pessoas, privadas de sua liberdade e submetidas à condição de escravidão, gradualmente foram se apropriando de traços da cultura da elite branca. Por meio da ressignificação desses elementos, foi possível manter certo grau de segurança em uma sociedade branca e racista. Além disso, puderam manter pulsantes traços de seus referenciais étnicos, ao deslocar sentidos de suas culturas de origem aos novos elementos: por meio do sincretismo, construíram novas possibilidades de identificação.

Nas Confrarias de Nossa Senhora do Rosário, em Portugal, os brancos receberam negros escravizados, supostamente com o objetivo de evangelizá-los (Ferreira, 2012). Posteriormente, fundou-se a Confraria de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, bem como permitiu-se novas confrarias no Brasil, com o intuito de manter o controle sobre essas pessoas. Por meio das confrarias, que se expandiram pelo território brasileiro, as pessoas escravizadas puderam criar um espaço de [r]existência, onde se davam práticas solidárias, festas e funerais, agregando suas referências étnicas aos ritos do catolicismo. Além dessas práticas, esse espaço também funcionava como meio de arrecadação e administração de dinheiro e bens, cujos membros

tinham acesso à assistência em caso de doenças, a funerais ao falecerem, e até mesmo a compra de alforria (Ferreira, 2012).

Também nas Confrarias de Nossa Senhora do Rosário, passou-se a realizar a Coroação dos Reis do Congo, tradicional do antigo Reino do Congo, localizado na África Centro-Occidental (Mello e Souza, 2002). Inicialmente, tratava-se de uma ritualística que marcava uma transição de governo, e que ainda no Reino do Congo incorporou traços do catolicismo, por interferência dos portugueses (Mello e Souza, 2002). A tradição continuou a ser reproduzida em Portugal. As primeiras coroações no Brasil aconteceram em Pernambuco, cujo registro mais antigo foi em Recife, no ano de 1674. Após a coroação acontecia um cortejo, que avançava pelas ruas, ao som de toques musicais de origens africanas. A música era acompanhada por danças e representações teatrais, cujos movimentos e narrativas eram carregados de história e ancestralidade. As coroações gradualmente foram se extinguindo a partir do século XIX (Ferreira, 2012).

A população, conforme o autor, manteve as homenagens aos seus padroeiros e irmandades, bem como as procissões, com mulheres e homens negros divididos em nações. As nações, nesse contexto, referem-se aos agrupamentos de pessoas que produziam o Maracatu. Tal termo corresponde à ressignificação das denominações [por exemplo: nagô, jeje, cabinda, angola, dentre outros], que os africanos escravizados recebiam dos mentores do tráfico humano, e que não necessariamente condiziam com sua região de origem, no continente africano, mas era uma forma de evitar que eles se agrupassem de acordo com suas origens étnicas e culturais (Lima, 2014).

O uso deturpado dos nomes das nações pelos traficantes de pessoas negras, não impediu que mesmo no processo, os escravizados se reapropriassem de tais termos, [re]construindo narrativas que carregavam os traços de suas culturas de origem. Não foram encontrados registros de como a palavra 'nação' foi associada aos grupos tradicionais de Maracatus de Baque Virado, mas ela delimita um lugar de legitimidade. Denominando-se 'nação' aos grupos tradicionais, diferenciando-os dos grupos percussivos, os quais reproduzem aspectos artísticos do Maracatu, mas não possuem muitas das características da manifestação cultural popular (Lima, 2014).

Cada nação tinha seu rei, sua rainha e sua corte real, acompanhada de pessoas cantando, dançando e tocando instrumentos. Desta combinação entre nações e cortejo, se originou o Maracatu, com os traços que hoje conhecemos, a partir de processos que ocorreram ao longo

de séculos, durante a colonização. O reconhecimento dos Maracatus Nação como Patrimônio Cultural Imaterial brasileiro, pelo IPHAN, reafirmou a legitimidade dessa manifestação popular frente a outras formas de expressão cultural e em relação aos grupos percussivos de Maracatu espalhados pelo País e exterior.

Alguns dos aspectos que caracterizam os Maracatus Nação são a repetição da tradição, a ligação com a religiosidade de matriz africana, mais especificamente com terreiros de Xangô ou Jurema (Lima, 2014); e o ter um rei e uma rainha iniciados na religião e ter sua sede em uma comunidade. Os integrantes das nações residem proximamente, compartilhando além do vínculo com o grupo, vivências cotidianas de uma mesma comunidade. Para as nações, de acordo com Alencar (2015), a experiência de fazer Maracatu é uma forma de viver a própria fé. As nações do Maracatu estão ligadas ao culto do Xangô de Pernambuco, culto dos orixás, deuses africanos [denominada Candomblé, na Bahia]; ou da Jurema, culto a espíritos brasileiros, como caboclos, pretos velhos, exus, pombagiras, dentre outros; tradicional no Recife, denominada também Macumba.

Os grupos percussivos de Maracatu espalham-se pelo território brasileiro e pelo mundo, e são compostos, em sua maioria, por pessoas de classe média que desejam reproduzir os aspectos artísticos do Maracatu: música, dança, além de outros elementos da performance. Esses grupos não possuem uma relação com a religiosidade e não necessariamente residem próximos, não tendo um vínculo comunitário entre si e com uma sede (Lima, 2014). Essa distinção importa porque as nações de Maracatu, com sua legitimidade reconhecida, são os grupos que têm acesso à realização de apresentações em eventos culturais tradicionais, destacando-se o Carnaval e A Noite dos Tambores Silenciosos.

Esta celebração ocorre sempre na Segunda-feira de Carnaval, no Pátio do Terço, em frente à Igreja de Nossa Senhora do Terço, em Recife. Trata-se de uma noite ritualística, na qual nações de Maracatu se apresentam e é celebrada publicamente a religiosidade e a ancestralidade da manifestação cultural, além de realizarem-se homenagens aos mortos na escravidão e à resistência negra (Inventário Nacional de Referências Culturais, s.d.). Aos grupos percussivos é vetada a participação por órgãos públicos como a Secretaria de Cultura e Turismo, ou a Prefeitura de Recife (Lima, 2014). As celebrações citadas marcam de forma significativa a realidade das nações e de seus membros. O Concurso das Agremiações Carnavalescas, evento tradicional do Carnaval recifense, no qual disputam agremiações em diferentes modalidades, além de conferir visibilidade, premia em dinheiro a nação campeã, garantindo também a sua

participação na Abertura do Carnaval de forma remunerada (Inventário Nacional de Referências Culturais, s.d.).

Cada nação de Maracatu possui sua singularidade, refletida em um conjunto de signos que constituem uma identidade própria e característica que transborda nas loas, no jeito de tocar, nas danças, nas cores, na linguagem (Alencar, 2015). Elementos esses que são tomados como discurso, na AD.

DESDOBRAMENTOS DA ANÁLISE

Para a análise da materialidade, foram realizados os recortes de sequências discursivas [SDs] da *loa* 13 de Maio, da Nação do Maracatu Porto Rico, localizada no bairro do Pina, na cidade de Recife, em Pernambuco. O terreiro [ou Ylê] é componente identitário e de legitimação da Nação Porto Rico. A *loa* 13 de Maio faz referência à data em que foi assinada a lei Áurea no Brasil, que previa a libertação das pessoas escravizadas. Segue a *loa*ⁱⁱⁱ:

13 de maio

ô, eu sei, minha origem nagô
 (é nagô, é nagô, é nagô, eu)
ô, eu sei, minha origem nagô
 sei de onde vim, mas pra onde
 vou, senhor? (bis)
 onde estão nossas origens
 que a história não registrou?
 onde estão nossos heróis
 da história, e com passado
de glória com destemor?
entre grandes heróis mostramos,
que o líder maior Zumbi,
nunca foi o bicho mau da história
que muitas vezes na escola
com medo ouvi.
 viva 13 de maio
 “negro livre no brasil”,
 mas a bem da verdade foi um
 “primeiro de abril”. (bis)

381

Tomando o discurso da *loa*, articulado à história do Maracatu no contexto da colonização do Brasil, bem como dos processos de escravização, percebe-se que ao contrário do discurso amplamente reproduzido acerca das relações étnico-raciais no ensino da História no Brasil e, de acordo com Silva (2012), nos discursos midiáticos, os negros na condição de escravos protagonizaram os movimentos históricos que levaram à assinatura da Lei Áurea. Isso ocorreu

por meio da criação de possibilidades de inscrever suas marcas na realidade desde o início da colonização do país.

Os discursos hegemônicos costumam retratar massivamente os personagens negros em um lugar de passividade, desconsiderando suas posições de sujeito. A *loa* realiza uma denúncia de um apagamento da história. Uma vez que o sujeito é dotado de historicidade, ao apagar sua história, há um apagamento do sujeito, e com isso a desumanização de pessoas negras. A *loa* realiza uma denúncia, de que a data 13 de maio, como representação de libertação, vem com um apagamento histórico. Ao associar ao 1º de abril, inscreve a mentira contida nessa narrativa, dando notícias de que há outras narrativas sobre o mesmo fato, a assinatura da Lei Áurea.

O movimento de denúncia é possível porque, apesar das tentativas de apagamento, há outros registros desse acontecimento na memória discursiva. A memória discursiva guarda registros de ordem coletiva, bem como seus traços ideológicos. Ela dita o que é memorável e aquilo que é esquecido ou mesmo apagado: é uma memória social, que se materializa no discurso. No dia 13 de maio de 1888 foi assinada a Lei Áurea, que libertou 723.419 negros que ainda estavam escravizados. Esse número mostra a verdade por trás do mito de que a escravidão era quase inexistente no Brasil no momento da abolição.

Embora o ato seja significativo enquanto marco na conquista da liberdade, nem este ato e nem a data que o simboliza se resumem a si mesmos, mas são uma consequência inevitável de 65 anos de luta, desde a Assembleia Constituinte de 1823 (Senado Federal, 2012). A luta foi protagonizada por negros e negras que atuaram de forma a induzir o processo de abolição, uma vez que seus movimentos de [r]existência enfraqueceram o sistema vigente (Albuquerque e Fraga Filho, 2006). Esses movimentos caracterizam-se por lutas coletivas e individuais e são observados tanto no período escravista [recusa ao trabalho, organização de fugas, formação de quilombos...], como pós abolição [criação de associações, clubes culturais, meios de comunicação, acesso à educação formal...] (Santos, 2007).

O Maracatu Nação é também um meio de [r]existência, pois há a construção de narrativas que deslocam as marcas psíquicas das violências registradas na memória discursiva e na própria experiência singular do racismo vivenciada por cada sujeito, para o discurso. Por meio desse deslocamento, inscrevem-se outras possibilidades de posições de sujeito, para além daquelas marcadas social e economicamente pelo racismo. A [r]existência possui uma relevância coletiva e uma carga política, pois, ao compartilhar a experiência, se faz uma denúncia, possibilitando a ressignificação de atos violentos ou traumáticos. Dessa forma, o sujeito se reapropria de sua

posição de sujeito desejante, ou seja: ao questionar o discurso racista, no caso do Maracatu Nação, o sujeito se movimenta no discurso, coloca seu desejo em cena e passa a afirmá-lo, criando transformações e reinventando seu lugar na cena social e política (Rosa & Poli, 2009).

Além disso, houve na história, e ainda há, a marginalização dos referenciais étnicos africanos do Maracatu. Essa marginalização também está presente na tentativa de controle dos espaços públicos do Carnaval na segunda metade do século XIX, quando cresceu a repressão policial ao Maracatu e a outras manifestações de cultura popular. A fiscalização estabelecia regras bastante rígidas quanto ao ocupar o espaço público, em termos de datas, horários, roteiro a ser percorrido pelo desfile, para que ocorresse de forma 'civilizada' e dentro de padrões estéticos aceitáveis pela elite branca, meios para manter esses grupos sob controle. Os grupos premiados eram os que mais atendessem às normas.

Com o tempo, o espaço que era de repressão foi subvertido pelos grupos que o ocupavam, tornando-se um espaço de legitimação, cuja manutenção se constitui hoje como um processo de [r]existência (Lima, 2014). Os movimentos de [r]existência do Maracatu Nação persistem, pois este surge a partir da articulação entre um desejo adaptado às condições impostas e a subversão dessas condições, (re)criando-se narrativas capazes de dar lugar ao desejo de retorno ao[s] objeto[s]? roubado[s]. Esse movimento ocorreu, inicialmente, por meio das Irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, pela apropriação de símbolos e elementos culturais comuns à elite branca, como os ritos católicos, e a subversão dos mesmos ao associar traços identificativos de descendências africanas.

De acordo com Roudinesco e Plon (1998), o desejo é um movimento inconsciente em direção ao objeto que o sujeito anseia. Lacan afirma que o desejo tem efeitos amplos na realidade do sujeito: ele tem capacidade de se apropriar das condições externas a ele, impostas pela realidade, e de se satisfazer com elas, ou ainda subvertê-las (Lacan 1957-1958/1999). Assim, o Maracatu, se configura ainda, como lugar onde se inscreve o desejo. Por meio das marcas do desejo inconsciente que (r)existem no discurso, abrem-se possibilidades de subjetivação: marcam-se posições de sujeito por meio da manifestação artística e cultural, resgatando sentidos apagados e os evidenciando na memória discursiva.

CAMINHOS EM CONSTRUÇÃO

Nesse novo momento da pesquisa, trata-se não de um novo trabalho, mas de uma retomada de um caminho, no qual ao reencontrar com a materialidade do Maracatu Nação, no mestrado em

Turismo e Hospitalidade, busco trabalhar questões remanescentes da pesquisa anterior. O encontro com o Turismo é uma forma de retomar as questões que ficaram suspensas. Borba e Barreto (2015) comentam que apesar das rejeições que o Maracatu Nação sofreu ao longo de sua história, ele passa a ser valorizado no cenário cultural, conforme passa a se apresentar em passarelas e a partir da segunda metade da década de 1980 observa-se sua crescente popularização, influenciando até mesmo artistas conhecidos no cenário musical. A partir daí, consolida-se uma relação entre os maracatus e o turismo. Nesse processo, os maracatus tornam-se expressões culturais e turísticas representativas do estado de Pernambuco, além de alcançar amplo reconhecimento dentro e fora do país.

Borba e Barreto (2015) comentam o encontro entre visitante [turista] e visitado [nações de Maracatu e seus respectivos membros]. Esse encontro ocorre a partir de deslocamentos [dos integrantes do Maracatu] ao encontro com o turista para uma relação atravessada pelo fator econômico, na qual o contato é breve e pode permitir uma participação do turista no momento do espetáculo, mas que ainda é um contato superficial, considerando a complexidade da manifestação cultural. Ao passo que se reserva os elementos artísticos e performáticos para esse encontro, os batuqueiros mantêm internamente em sua comunidade os aspectos ritualísticos e religiosos do maracatu. O deslocamento também é da parte do turista, a partir da sua posição enquanto visitante.

Nesse sentido, a proposta inicial foi de investigar que deslocamentos ocorrem a partir da manifestação cultural popular do Maracatu Nação, tomando deslocamento como um conceito que transita entre as áreas do Turismo, da Psicanálise e da Análise do Discurso [AD]. A pesquisa, ainda em processo de construção, já me possibilitou avançar um pouco mais no caminho. Um recorte deste foi publicado em um trabalho intitulado 'Maracatu e Turismo: sentidos em deslocamento' (2023), no qual relato o andamento da pesquisa e seleciono SDs de duas loas da Nação Estrela Brilhante do Recife, para a análise de alguns pontos.

Tomando como referência todo o meu percurso de pesquisa acerca do Maracatu, parti da ideia de que por meio da repetição da tradição, que mantêm a manifestação cultural viva e [r]existindo, ela gera deslocamentos, que podem ser abordados pela perspectiva geográfica [Turismo]; pela perspectiva do psiquismo [em Psicanálise, o conceito de deslocamento descreve o movimento que ocorre quando um afeto é deslocado da ideia junto à qual se originou, podendo associar-se a outra ideia] (Oliveira, 2012); e pela perspectiva do sentido, por meio da contra identificação [Análise do Discurso]. A contra identificação é uma tomada de posição de

sujeito, na qual podemos pensar que há um deslocamento de um lugar de repetição de um discurso, para um lugar de inscrição de discursos que discordam ou denunciam os traços ideológicos de uma formação discursiva, que é dominante (Indursky, 2011).

A seguir, as SDs que foram analisadas nesse momento da pesquisa:

clementina de Jesus no morro da conceição (recorte)

salve o rei, salve a rainha do morro da conceição!

eles descem o morro de branco pra sambar maracatu

cheguei meu povo

cheguei meu povo, cheguei pra vadiar

cheguei meu povo, cheguei pra vadiar

sou eu a nação estrela, não prometo pra faltar

Nesses recortes estão presentes o deslocamento físico e o encontro com o espectador; o deslocamento de sentido pela contraidentificação, que enaltece figuras importantes e nobres no discurso do Maracatu, e que subverte o sentido de 'vadiar'. A partir dessas SDs, verifica-se que os Maracatus nação deslocam sentidos ao deslocar-se da periferia para o centro da cena discursiva, reapropriando-se do protagonismo na narrativa e, portanto, na História. Assim o deslocamento pode ser abordado como possibilidade de realização de desejo: pois se contraidentifica com os discursos racistas, ao passo que há um encontro com o que foi violentamente apagado; o desejo também se inscreve nas formas outras de ocupação de espaço, com legitimidade e reconhecimento. A realização do desejo, no entanto, é parcial, pois não há retorno ao que foi roubado no processo de escravização, esse é um acontecimento cujos efeitos reverberam ainda, no racismo e suas marcas. Ainda assim, o desejo desloca e movimenta sujeitos, sentidos. Cria, por meio da tradição e da arte, um lugar de [r]existência.

CONCLUSÕES... ATÉ AQUI

Neste trabalho, descrevi os percursos da minha pesquisa acerca do Maracatu Nação e apresentei recortes do que foi realizado até o momento. A importância de estudar essa manifestação cultural, articulando diferentes áreas do conhecimento, como o Turismo, a Psicanálise e a Análise do Discurso, se dá pela própria complexidade da materialidade, rica de elementos e de sentidos. A partir da pesquisa, foi possível compreender o seu valor como Patrimônio Imaterial Cultural brasileiro e sua relevância para o turismo; o seu valor como meio

de subjetivação e (r)existência, e também como meio de transformação, que causa efeitos não só em sujeitos, mas também reverbera de forma coletiva em grupos e territórios. Na primeira parte do texto, foi apresentado o dispositivo teórico-metodológico da Análise do Discurso [AD] e seu posicionamento teórico [as disciplinas que a alicerçam], e ético e político [no sentido em que assume seu lugar não só epistemológico, mas também enquanto movimento político, ao considerar os atravessamentos ideológicos dos discursos, incluindo os próprios]. Em seguida, foi apresentada a manifestação cultural do maracatu, os elementos estéticos e musicais que o constituem, bem como um resgate histórico de suas origens e processo de formação; foi apresentada a materialidade e recortes da análise realizada, fundamentada pela AD, conceitualmente embasada pela psicanálise e contextualizada pela história. Na segunda parte do texto foi apresentado o momento em que a pesquisa se encontra, já com algumas análises realizadas a partir das questões que foram abertas no início do percurso. Nesse momento do texto, o Turismo se faz presente, proporcionando uma abordagem mais ampla do objeto de pesquisa, mas mantendo o recorte ao qual se propõe a investigação.

Ao revisitar o caminho percorrido, percebe-se a inesgotabilidade do discurso do Maracatu: dada a sua complexidade tanto no que se refere à sua história, quanto aos seus elementos, carregados de simbologias. Uma manifestação cultural tão rica, permite amplas formas de estudá-lo, no que se refere a contribuições de diferentes áreas do conhecimento, que no caso desse trabalho, dialogam entre si; e no que se refere aos conceitos que embasam a pesquisa: ela tanto pode ser pensada a partir de novos conceitos, como também pode haver outras formas de trabalhar o mesmo conceito. A própria noção de 'desejo', trabalhada na primeira parte do trabalho, retorna com um outro sentido na segunda parte, complementando as considerações anteriores.

Por meio do dispositivo teórico-metodológico da Análise do Discurso, fiz a análise das SDs selecionadas. Junto a revisão bibliográfica e os resgates históricos, o dispositivo fundamentou a análise, que desvelou percursos de [r]existência e subjetivação, no percurso inicial, e alguns deslocamentos, nesse momento da pesquisa. Sigo o percurso, tentando desvelar algo do discurso do Maracatu Nação, com ainda mais questões abertas do que no início. Ambos os trabalhos podem ser prosseguidos e aprofundados a partir de tais questões. Como próximos passos, pretendo refletir acerca das articulações entre maracatu e turismo, e psicanálise e turismo. A abordagem de pontos que tocam as relações étnico-raciais pela perspectiva da psicanálise também deve fazer parte da construção desse percurso.

REFERÊNCIAS

- Albuquerque, W. R. & Fraga Filho, W. (2006). *Uma história do negro no Brasil*. Brasília, DF: Fundação Cultural Palmares.
- Alencar, A. E. V. (2015). "*É de nação nagô!*" o maracatu como patrimônio imaterial nacional. Tese de Doutorado em Antropologia Social, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC. [Link](#)
- Borba, C., & Barreto, M. (2015). Políticas públicas de cultura e turismo, e sua influência na profissionalização de grupos tradicionais. O caso dos Maracatu de Pernambuco, Brasil. *Pasos - Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*, 13(2), 359-373. [Link](#)
- Cultura.PE (2023, 05 de mai.). Plano de Salvaguarda dos Maracatus Nação será lançado em Pernambuco. *Notícias Cultura.PE - Portal da Cultura Pernambucana*. [Link](#)
- Cultura.PE (s.d.). Maracatu. *Notícias Cultura.PE - Portal da Cultura Pernambucana*. [Link](#)
- Ferreira, M. C. L. (2010). Análise do discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso. *Organom*, 24(48), 1-12. [Link](#)
- Indursky, F. (2011). A memória na cena do discurso. In F. Indursky, S. Mittmann & M.C. L. Ferreira (Orgs.), *Memória e História na/da Análise do Discurso* (1ª ed., pp. 67-89). Campinas, SP: Mercado de Letras.
- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. (2023). *Plano de Salvaguarda - Maracatu Nação*. Brasília, DF: IPHAN. [Link](#)
- Inventário Nacional de Referências Culturais (s.d.). *INRC do maracatu nação*. [Link](#)
- Lacan, J. (1999). *As formações do inconsciente* (V. Ribeiro). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1957-1958).
- Lima, I. M. F. (2014). As nações de maracatu e os grupos percussivos: fronteiras identitárias. *Afro-Ásia*, 49(2014), 71-104. [Link](#)
- Mello e Souza, M. (2002). *Reis negros no Brasil escravista: história da festa de coroação de rei Congo*. Belo Horizonte: UFMG.
- Oliveira, J. B. (2012). O inconsciente lacaniano. *Psicanálise & Barroco em revista*, 10(1), 109-121. [Link](#)
- Orlandi, E. P. (2007). A análise de discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil. In F. Indursky, M. C. L. Ferreira (Orgs.). *Michel Pêcheux e a análise de discurso: uma relação de nunca acabar* (pp. 75-87). São Carlos: Claraluz.
- Orlandi, E. P. 2013. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes.

Pessoa, I. M. & Pimentel, J. M. V. (2019). Patrimônio imaterial maracatu nação e sua contribuição para o turismo étnico afro na Noite dos Tambores Silenciosos em Recife-PE. *Anais... Unesp*, VIII Mostra Científica de Turismo. [Link](#)

Rosa, M. D., & Poli, M. C. (2009). Experiência e linguagem como estratégia de resistência. *Psicologia e Sociedade*, 21(ed. especial), 5-12. [Link](#)

Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise* (V. Ribeiro & L. Magalhães). Rio de Janeiro: Zahar.

Santos, S. A. (2007). *Movimentos negros, educação e ações afirmativas*. Tese de Doutorado em Sociologia, Programa de Pós Graduação em Sociologia, Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília. Brasília, Distrito Federal, Brasil. [Link](#)

Senado Federal (2012). *A abolição no parlamento: 65 anos de lutas* (2ª ed). Brasília, DF: Secretaria Especial de Editoração e Publicações.

NOTAS

ⁱ Bonecas de cera ou de madeira que representam eguns ou espíritos ancestrais ligados à nação (Alencar, 2015)

ⁱⁱ Ver <https://nacaoportorico.maracatu.org.br/porto-rico/>.

ⁱⁱⁱ Ver <http://nacaoportorico.maracatu.org.br/2015/carnaval-2015/>

PROCESSO EDITORIAL

Recebido: 21 ABR 24

Aceito: 3 JUL 24